

ENTRE O FRACASSO E A ESPERANÇA

PIERRE FURTER E SEU ENCONTRO COM O PENSAMENTO UTÓPICO

Juliano Peroza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (Brasil)

juliano.peroza@ifpr.edu.br

RESUMO

Este artigo surgiu da curiosidade em compreender os motivos que levaram o educador suíço, Pierre Furter, a se interessar pelo pensamento utópico. O principal objetivo deste texto, portanto, é elucidar as circunstâncias históricas e existenciais que aproximaram o professor Furter das temáticas da utopia e da esperança. Como suporte teórico-metodológico, utilizou-se da hermenêutica, suporte analítico que permite a interpretação e compreensão de textos, com base nos referenciais bibliográficos, publicações, assim como as entrevistas com o próprio Furter. Evidenciou-se que, para Pierre Furter, a categoria do fracasso foi o elemento central que lhe conduziu aos estudos sobre o pensamento utópico. O estudo sobre o pensamento utópico foi fundamental em dois sentidos: em primeiro lugar, para manter a esperança viva frente ao sentimento de frustração representado no fracasso; em segundo lugar, porque a utopia permite ao educador uma atitude de liberdade e coragem diante dos problemas que enfrenta, apesar dos fracassos que possam vir a acontecer. Por fim, foi possível identificar como Furter incorpora a categoria do fracasso ao longo de suas reflexões epistêmicas sobre a esperança, conferindo-lhe uma posição central entre as exigências do pensamento utópico.

PALAVRAS-CHAVE:

Pierre Furter; Fracasso; Pensamento Utópico.



RESUMEN

Este artículo surgió de la curiosidad por comprender las razones que llevaron al educador suizo, Pierre Furter, a interesarse por el pensamiento utópico. El principal objetivo de este texto, por tanto, es aclarar las circunstancias históricas y existenciales que acercaron al profesor Furter a los temas de la utopía y la esperanza. Como marco teórico-metodológico se utilizó la hermenéutica, soporte analítico que permite la interpretación y comprensión de textos, a partir de referencias bibliográficas, publicaciones y entrevistas del propio Furter. Quedó claro que, para Pierre Furter, la categoría de fracaso fue uno elemento central que lo conduzió a los estudios sobre el pensamiento utópico. El estudio del pensamiento utópico fue fundamental en dos sentidos: primero, para mantener viva la esperanza frente al sentimiento de frustración que representaba el fracaso; en segundo lugar, porque la utopía permite al educador una actitud de libertad y valentía ante los problemas que enfrenta, a pesar de los fracasos que puedan ocurrir. Finalmente, fue posible identificar cómo Furter incorpora la categoría de fracaso a lo largo de sus reflexiones epistémicas sobre la esperanza, otorgándole una posición central entre las demandas del pensamiento utópico.

PALAVRAS CLAVE

Pierre Furter; Fracaso; Pensamiento Utópico

Dentre todos os temas abordados por Pierre Furter, em suas reflexões sobre educação, é inegável que a temática da utopia se destaca. As inúmeras obras, artigos e capítulos em que discute as noções relativas ao pensamento utópico e esperança, principalmente com base na obra de Ernst Bloch (2015; 2016), evidenciam muito mais do que uma grande insistência em querer elucidar uma reflexão aguda e criteriosa sobre o assunto em questão, mas revelam um esforço acalorado, com certos contornos



existenciais. Ou seja, percebe-se nas entrelinhas de seus escritos e análises, elementos das frustrações existenciais e de suas superações, além da força das circunstâncias que lhe conduziram por outros caminhos.

Nosso interesse, portanto, nesta reflexão, é compreender os motivos pessoais e acontecimentos históricos que conduziram o educador suíço, Pierre Furter, a uma adesão apaixonada e rigorosa sobre o estudo do pensamento utópico, e suas relações imbricadas com a educação e a formação humana. Por mais que outros assuntos, como a educogenia, a educação permanente, a educação comparada, se destaquem ao longo da sua produção acadêmica, a discussão sobre a utopia e a esperança têm uma tônica acentuada. É evidente como Furter se sente “à vontade” para discorrer sobre os temas relativos à esperança e suas implicações, uma vez que esta se lhe apresenta como horizonte de sentido para configurar sua liberdade. O pensamento utópico lhe permitiu tornar-se um intelectual sempre vigilante e crítico das situações alienantes que condicionam o tempo presente, e também um combatente mordaz contra as projeções ilusórias que desviam a imaginação criativa de um futuro autenticamente humano. Para uma “genealogia” deste “interesse” pela utopia, é importante remontarmos ao início da década de 1960. A dissertação de mestrado de Yvone Greis (1996), trabalho no qual a autora realiza uma entrevista com o educador suíço, é crucial para investigarmos o começo deste percurso. Nesta entrevista, Furter narra os eventos que, de maneira fortuita, lhe conduziram ao encontro com o Brasil. Seu interesse pelo aprendizado da língua portuguesa, o levou a realizar um curso de 3 anos em Portugal, de modo que, após concluir-lo, tornou-se um dos únicos professores de língua portuguesa na cidade de Zurique, Suíça. O conhecimento deste idioma, lhe conferiu prestígio junto ao consul brasileiro, Meira Pena, que lhe propôs pagar a refeição num dos melhores restaurantes da cidade em troca de alguns momentos de conversa em português. Desta relação, ganhou uma passagem de ida e volta para o Brasil, a fim de aprimorar o conhecimento e a pronúncia desta língua. Nesta viagem, por intermédio de um crítico literário, Luis Costa Lima, é aconselhado a visitar o Recife, no Estado de Pernambuco, nordeste brasileiro, onde é apresentado a Paulo Freire, de quem nunca ouvira falar, mas que lhe deixou encantado, ao ponto de permanecer nesta região por 4 meses e não seguir para o sul do



país (GREIS, 1996, p. II6-II7). Na obra organizada por Gadotti, *Paulo Freire: uma biobibliografia*, Furter oferece mais detalhes deste evento significativo:

No entardecer do primeiro dia na minha primeira chegada ao Nordeste – devia ser em 1962, acho eu – já estava em frente do Mestre deitado na sua rede. Diziam o Costa Lima e o Uchoa Leite que era um pedagogo famoso no Recife progressista destes tempos do Arraes, ainda que totalmente desconhecido para mim. Ouvindo durante toda esta noite inesperada a sua fala que parecia nunca mais acabar, tive a revelação que, depois de estudar tantas teorias pedagógicas, tinha enfim encontrado uma educação que se fazia e se vivia cada dia; que nascia de uma consciência crítica dum presente problemático mas prenhe de um futuro pré-revolucionário que se abria sobre uma utopia concreta (Furter, 1996, pg. 180).

O acaso desta viagem, a princípio aventureira, de fato, possibilitou uma emocionante surpresa para Furter. A experiência do encontro com a proposta de educação popular de Paulo Freire, no cenário de efervescência cultural do nordeste brasileiro, na década de 1960, lhe causaram uma enorme impressão. Estes acontecimentos atraíram seu interesse pela imersão nesta realidade, a fim de que pudesse participar deste processo “totalmente original” (uma educação que se fazia e que se vivia a cada dia), “grávido” (prenhe) de um novo momento histórico, do qual também se sentiu atraído para se tornar parceiro e acompanhante. A sintonia com estas circunstâncias históricas demonstra uma face completamente passional do jovem Furter, que abandona a previsibilidade segura de suas origens helvéticas, para mergulhar nas turbulências das correntezas culturais e políticas do nordeste brasileiro, numa época de grandes mudanças:

E, então, voltei à Suíça dizendo: eu acho que o que está acontecendo no Recife é sumamente interessante e quero deixar o meu trabalho em Zurique, porque não me



interessa mais. Por razões administrativas, era muito difícil, nessa época, obter uma licença por mais de 6 meses, de tal modo que me demiti, e no 1º de janeiro de 1964, cheguei no Recife como um responsável da avaliação do Paulo Freire. De tal modo que a minha vinda ao Brasil, é a resposta à pergunta, é ... totalmente por relações pessoais e porque o que se passava no Recife me parecia bom. Claro, depois descobri que por detrás havia a Sudene, havia o Celso Furtado, havia... enfim, as ligas, conheci o Ariano Suassuna etc., etc. Quer dizer, não foi só o Paulo Freire, mas, enfim, foi um motivo. E tudo acabou no 1º de abril (Furter, in: Greis, 1996, p. II-7).

Aqui fica claro, mais uma vez, o motivo passional que faz Furter eleger o nordeste brasileiro como o seu “não-lugar” (u-topos), o qual também poderíamos chamar de “eu-topos” (bom lugar). A identificação com as várias circunstâncias conjunturais (políticas, educacionais e culturais) que confluíam naquele contexto recifense, provocaram-lhe tamanho impacto intelectual e emocional que não lhe restaram dúvidas para realizar sua escolha. No decorrer da entrevista, ainda reforça: “[...] eu vim aqui sob uma base absolutamente pessoal e inclusive por uma razão muito simples: na Suíça ninguém se interessava para o Brasil” (Idem, p. II-10). Ou seja, o lugar inusitado e desconhecido aos olhos dos seus conterrâneos, se revela como um lugar cativante aos seus próprios olhos, do mesmo modo que parece sentir-se estranho em sua própria terra.

Acreditamos que esta discussão seja elementar para compreendermos o despertar de Pierre Furter para a dimensão do “sonho acordado”. A experiência súbita do seu engajamento num projeto educacional embrionário de nação em um país completamente distinto das suas origens foi, existencialmente, muito marcante. Por isso, é possível constatar que, antes de Furter se debruçar pelo estudo sistemático da Utopia, ou propriamente do pensamento utópico, ele percebeu rapidamente que teria a oportunidade de “viver” o esboço de um projeto utópico autêntico, nascido de uma efervescência cultural, da qual ele quis contribuirativamente, junto com outras personalidades que lhe inspiraram a reconhecer a importância histórica da consciência antecipatória engajada.



Porém, as expectativas do jovem Furter não tiveram o tempo de, minimamente, se organizarem. Após três meses de sua estada no Brasil, em 1º de abril de 1964, aconteceu o golpe militar que depôs o governo de João Goulart e abafou abruptamente este clima de efervescência cultural. Obviamente que esta interrupção repentina foi tremendamente espantosa e inesperada, afinal, caso contrário não teria trocado sua “tranquilidade helvética” se suspeitasse da iminência de um “caos tupiniquim”. O fato, é que a morte prematura deste sonho em gestação foi tão marcante quanto o clima de euforia que lhe contagiou. Furter constata que este evento foi conclusivo para lhe remeter aos estudos sobre a esperança, afinal, a “sensação de fracasso” precisava ser ressignificada, interpretada ou meditada teoricamente:

Eu diria que esta temática de... ou esta preocupação para pensar um pouco mais sobre a utopia, sobre a esperança, etc., na realidade não foi provocada por este clima de euforia, mas ao contrário, pelo fracasso [...]. A temática utópica, a temática da esperança saiu muito mais de uma reflexão sobre um evidente fracasso do chamado projeto de libertação (Furter, in: Greis, 1996, p. II-11; p. II-15).

A derrota, ou seja, o fracasso passa a ser um elemento central para que possamos entender o envolvimento de Furter com o pensamento utópico. O duro golpe, que consumou prematuramente o conjunto das suas expectativas, lhe desafiou a reconfigurar sua condição existencial perante um quadro conjuntural completamente diverso. Poderíamos dizer que se a intervenção militar, naquele momento, impediu seu corpo de se efetivar historicamente naquele projeto de libertação, não foi capaz de impedir sua mente de continuar imaginando os fundamentos e arquitetura do que havia sido pensado durante aquele processo. O seu encontro com o pensamento utópico, a partir da experiência do fracasso imposto pelo golpe militar, pode ser interpretada numa tríplice dimensão: uma resposta política ao clima de desolação da militância; uma justificativa histórica sobre o acúmulo da experiência; e um



exercício epistêmico-existencial, caracterizados por uma identificação pessoal e filosófica com a temática.

Como resposta política ao clima desolação, Furter percebeu que inúmeras lideranças e movimentos sociais daquele período se sentiram “órfãos” e “perdidos”, sem orientação e impossibilitados de continuar o projeto de libertação nacional. Portanto, o pensamento utópico foi uma maneira de construir uma “ponte” para atravessar por aquele momento de desmobilização democrática, portanto, de negação política. O cerceamento da liberdade pode impedir um projeto político de ser realizado, mas não pode impedi-lo de continuar sendo “sonhado”, “imaginado”, para além das circunstâncias desfavoráveis.

Quanto à justificativa histórica, poderíamos dizer que Furter buscou legitimar seus esforços empenhados, no sentido de encontrar razões para dizer que seu engajamento não havia sido em vão. A “morte” de uma experiência em processo, por assim dizer, não é motivo para que se renegue o esforço histórico empregado para realizá-lo. Uma derrota sofrida não significa que o projeto não estivesse certo, apenas demonstrou que uma possibilidade de viabilizá-lo, naquele contexto, não se efetivou. Sua vigência continua pertinente, apesar de sua existência ter sido asfixiada pelas forças contrárias.

Em relação à identificação pessoal e filosófica com a temática, nos parece que Furter encontrou no pensamento utópico, e na vida de Ernst Bloch, uma espécie de “simpatia” teórico-metodológica para dialogar com muitas das suas inquietações e anseios, tanto existenciais, quanto intelectuais. Por um lado, é preciso lembrar que Furter teve uma sólida formação calvinista, porém não era religioso, podemos dizer que se considerava uma espécie de “cristão sem fé”. Por outro lado, o movimento de efervescência cultural do qual participara no Recife, conciliava vários movimentos católicos progressistas, como a Ação Católica, por exemplo, com grupos comunistas, cuja orientação teórica era o materialismo histórico-dialético.

De todo o modo, o fracasso foi o motivo determinante que conduziu Furter ao encontro da Utopia. Podemos dizer que uma espécie de “negatividade positiva”, sem a qual ele não seria capaz de



vislumbrar de maneira tão significativa sua adesão ao estudo desta temática. Em sua obra *Educação e Vida* (Furter, 1973), cuja primeira edição veio dois anos após o golpe de 1964, Furter dedica um capítulo inteiro para analisar a relação entre *esperança e educação*. Inicia-o com uma severa crítica à superficialidade do sentimento otimista, o qual “apaga as dificuldades vendo as coisas de longe. Poderíamos, mesmo, dizer que o otimismo é uma espécie de não ver as dificuldades da realidade” (Furter, 1973, p. 93). O otimismo, assim, é uma miragem para a resolução dos problemas, que nos afasta das situações como elas são, além de distorcê-las. Em todo este capítulo dedica uma minuciosa reflexão sobre o sentido do fracasso, suas características mais profundas, bem como sobre a necessidade de superá-lo esperançosamente:

A esperança é sem otimismo e sem ilusão. A esperança nasce da tomada de consciência das nossas carências, no sentido de que só quando refletimos sobre o nosso inacabamento é que estamos sendo chamados a agir. A esperança não se apresenta como um fenômeno natural, mas como uma virtude, isto é, como uma construção da consciência moral. Não é uma escolha de facilidade, mas a coragem de afrontar os problemas. Portanto, a esperança não foge aos obstáculos. Como nasce de uma reflexão, a partir da tomada de consciência das nossas carências, será, ao contrário, a partir do fracasso, que a esperança se manifestará (Furter, 1973, p. 94).

O fracasso, neste sentido, é a epifania da esperança, uma espécie de depurador do sonho. O otimismo facilmente sucumbe mediante uma situação de fracasso, mas a esperança emerge e se fortifica através dele. Pode-se dizer que, o fracasso encarado como obstáculo, é um elemento purificador das ilusões, no qual ficam retidas todas as impurezas da ingenuidade, frágeis expressões de se encarar os reveses da existência. Por outro lado, é por meio do fracasso que compreendemos que a história não é linear, e que a realização de determinados projetos depende tanto do nosso empenho, quanto de certas condições objetivas, que estão para além do conjunto dos esforços empregados.



Se a história não é linear, toda possibilidade deve ser compreendida como o horizonte da continuidade, interrupção, estagnação ou do retrocesso. O fracasso impõe uma resistência à esperança, cuja principal função é tornar-lhe mais forte e lúcida para lidar com os contratempos dos acontecimentos, por isso, junto com o risco, sempre foi considerado indispensável pelos principais estudiosos que problematizaram a esperança¹.

Deste modo, Furter conclui de modo enfático: “Tudo isto aceito, existirá, no entanto, uma pedagogia da esperança? O que está certo é que há uma «pedagogia do fracasso», uma pedagogia que, a partir de uma visão pessimista e trágica da existência, crê que o fracasso é pedagógico” (Furter, 1973, p. 101). Esta menção à “pedagogia do fracasso” precisa ser examinada de maneira cuidadosa. É uma das únicas vezes que utiliza esta expressão ao longo de sua obra, como se fosse um “lapso” epistêmico. Estaria ele se referindo aos aprendizados que fez em sua experiência recente? Ou gostaria de demonstrar como o fracasso o conduziu ao encontro do pensamento utópico?

Evidentemente que Furter extraiu importantes lições do fracasso. Foi por meio dele que tomou consciência que a distância da visão de futuro que projetou estava muito mais distante do presente do que supunha. A experiência do fracasso deu-lhe conhecimento para compreender que é preciso equilibrar o pessimismo realista da razão, ante o otimismo (muitas vezes ilusório) da vontade. O fracasso é pedagógico quando o aprendiz adquire maturidade suficiente para analisar friamente o conjunto das forças reativas que se apresentam frente às forças progressistas num determinado contexto.

¹ Furter insiste que vários autores que se debruçaram sobre a temática da esperança, sempre contemplaram a importância do fracasso: “os autores mais rigorosos: Ernst Bloch, O. F. Bollnow, P. Wust, G. Marcel sempre notaram que uma reflexão sobre a esperança não podia ignorar os problemas do risco e do fracasso. Concretamente a fragilidade humana da esperança manifesta-se pelo cansaço, provocado pela acumulação dos fracassos que levam ao desânimo, à inércia. Um dos obstáculos ao desenvolvimento de uma nação, contra o qual ninguém sabe o que fazer, não será a resignação, isto é, o desaparecimento da própria vontade de reagir? Talvez a pergunta mais dura seja: como perdurar na esperança, como crescer na esperança? Parece-nos que a contribuição decisiva a esta questão vem de alguns marxistas, em particular de L. Kolakowski e E. Bloch, que demonstraram que o risco e o fracasso faziam parte integral da esperança. (Furter, 1973, p.100).



Como obstáculo necessário, o fracasso interpõe desafios que lapidam as capacidades humanas de articular criativamente alternativas para a consecução de um projeto. Como toda excelência artística, intelectual ou, até mesmo física (atlética), se adquire após a superação de limites e barreiras, a esperança autêntica também se forja por intermédio do fogo das provações que buscam aniquilá-la. Em contrapartida,

Na verdade, não existe uma pedagogia da esperança, por que não se pode ensinar a esperança. Só é possível, eventualmente, comunicá-la, ou melhor, testemunhá-la [...]. Temos que reconhecer que pode haver um uso pedagógico de certos conceitos, uma inspiração a partir de certas ideias que animam o educador. Em outros termos, a esperança faz muito mais parte da moral profissional do corpo docente do que do currículo ou da formação dos professores (Furter, 1973, p. 101-102).

Se a esperança genuína se constitui a partir da “pedagogia do fracasso”, ela não necessariamente “educa”, mas “comunica”. Em outras palavras, a “experiência do fracasso” pode ser ensinada, pois podemos aprender a resistir com a reflexão sobre o enfrentamento dos acontecimentos objetivados na história. A “aspiração esperançosa” apenas pode ser comunicada, uma vez que o conteúdo do pensamento utópico é uma experiência subjetiva, ou intersubjetivamente forjada pela imaginação criadora. O fracasso, portanto, é um mestre criterioso, que disciplina com rigor o aprendiz em vista de seu aperfeiçoamento, para o desenvolvimento do máximo de suas potencialidades: “Assim, os obstáculos, as oposições e os próprios fracassos não indicam o aspecto ilusório da afirmação esperançosa, mas são as provas necessárias para que, justamente, esta esperança seja autêntica e além da ilusão e do consolo” (Furter, 1974, p. 117).

Para Furter, Ernst Bloch foi um dos autores que, como ninguém, acentuou a importância do fracasso em suas considerações antropológicas sobre o devir do processo histórico. Seu senso crítico e



perspicaz, soube identificar o fracasso como um “trampolim” para a esperança, cuja função consiste em “projetar”, “lançar” o ser humano para o futuro:

O problema então é de saber se à origem do fracasso temos uma responsabilidade humana ou ao contrário uma inércia, uma oposição externa, que a tradição ocidental chamou o Mal, o Diabo, o Nada etc... Para Bloch a resposta é clara: a falha está sempre do lado do homem. Nunca o processo, as tendências da natureza, o dinamismo da matéria falham. É o homem que não sabe muitas vezes dominar este processo, estas tendências, este dinamismo. É o homem que erra na sua trajetória ou na determinação do rumo certo. Esta posição, voluntarista e subjetiva à primeira vista, é na realidade uma consequência da oposição radical de Bloch a qualquer vitalismo, como a qualquer mecanicismo. Tanto um como o outro supõem que o homem deveria se identificar com algo que já está determinado. Reduzem a atividade humana a um mero reflexo. Ao contrário para Bloch, a falha e o fracasso indicam, paradoxalmente, que o homem sempre pode superar uma situação dada. Sendo o erro, a falha, o fracasso, dependentes do homem, pertence ao homem retificar a sua atuação. Por isto, deve refletir, se autocriticar, criticar e... esperar. O "novum" que introduz o homem é realmente arriscado, mas possível (Furter, 1974, p. 232).

Como o ser humano é um ser histórico, finito, limitado e relativo, o ato de falhar ou fracassar faz parte da sua aventura existencial. Não somos absolutos, nem perfeitos, por isso nos descobrimos “errantes” e “insatisfeitos” no presente e nos reconhecemos qualitativamente inacabados, em processo de aperfeiçoamento, cuja realização procura adentrar sempre o horizonte futuro.

Em 2012, numa entrevista informal com o professor Furter, realizada em seu escritório em Genebra, no auge de seus 80 anos de idade, novamente confrontamos-lhe esta problemática (Peroza, 2020):



J (Juliano) – O fracasso é uma forma de purificar a ingenuidade que há na utopia?

F (Furter) – Absolutamente, então nesse caso, isso é possível porque existe a esperança. Você não pode superar o fracasso se você não tem a esperança que você pode encontrar outra solução. Agora, esperança não é certidão (diga-se, certeza), é uma aventura intelectual e espiritual.

J – Por que, como manter a esperança depois de uma sequência de fracassos, por exemplo?

F – Isso é um mistério... os últimos textos que escrevi sobre isso é o meu problema.

J – Porque, se é um grupo religioso, você joga para transcendência e tudo bem...

F – Isso não funciona pra Bloch que não crê, e eu, tampouco.

J – Como antropologicamente manter...

F – E a morte? Você pode ter a esperança da ressurreição, é uma maneira..., mas Bloch não crê na ressurreição. Pensa que, apesar do fracasso, vai haver uma nova geração que vai entender e retomar o pensamento, e nesse sentido há uma esperança, a esperança na humanidade. Você conhece o escritor português Saramago? (Peroza, 2020, p. 289-290).

A morte se interpõe como o obstáculo derradeiro, a derrota definitiva que encurrala a esperança contra o muro intransponível da finitude histórica e lhe interroga sobre o sentido da continuidade. Se a esperança estiver alicerçada na virtude da fé, a escatologia se apresenta como a resposta, pois a continuidade está no futuro de Deus e seu Reino. Mas, como Furter se demonstra céptico quanto a essa possibilidade, acompanha o materialismo blochiano nas considerações que este realiza sobre o caso de Thomas Müntzer, o “Teólogo da Revolução” (Bloch, 1973).

A reflexão de Müntzer, a sua "teologia da revolução" faz que o seu destino não só acabe num fracasso, mas volte para nós: "pois os mortos sempre voltam" (TM, p. 9). Th. Müntzer não é só figura trágica, mas é antes de tudo e para nós um autor que ultrapassou e continua ultrapassando a sua tragédia pessoal ao se pensar numa reflexão que nos atinge hoje [...].



Diante da pessoa, podemos ter vários sentimentos; mas frente à obra de Münzer estamos obrigados a reinterpretá-la de maneira a verificar se hoje não é plenamente verdadeiro e possível o que ontem parecia impossível e contraditório (Furter, 1974, p. 194).

Esta é a resposta do pensamento utópico ao golpe definitivo da “morte”: os mortos sempre voltam. Apesar dos pensadores utópicos serem tragados pelo fracasso derradeiro da morte, que a todos consome, os seus “sonhos sonhados” persistem na caminhada daqueles que permanecem. O sonhador acordado “vence” a morte na esperança de que as futuras gerações retomem seus sonhos em outros contextos, cuja possibilidade de realização, quem sabe, possa lhes servir, e ser mais favorável. Talvez nosso interesse para discutir este tema, hoje, constata que isso seja verdade, afinal, se refletimos sobre as exigências do pensamento utópico frente aos dilemas da sociedade contemporânea, inspirados no legado do professor Pierre Furter, e tecemos considerações sobre Educação Social, Formação Permanente, Descolonização, Educação no século XXI, etc., é porque sua esperança crítica ainda está viva e atual. Resta interrogar-nos sobre a capacidade de sermos bons aprendizes de nossos fracassos, bem como nos tornarmos capazes de manter viva a nossa esperança para as futuras gerações.

Referências

- Bloch, E. (1975). *Thomaz Münzer: teólogo da revolução*. Trad. Vamireh Chacon e Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Bloch, E. (2005) *O Princípio Esperança*. v. 1. Trad. Nélio Shneider - Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto.
- Bloch, E. (2006). *O Princípio Esperança*. v. 2. Trad. Werner Fuchs - Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto.



Bloch, E. (2005/2006). *O Princípio Esperança*. v. 3. Trad. Nélio Shneider - Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto.

Furter, P. (1996). *Desafios nos trópicos*. In: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO.

Furter, P. (1974). *A dialética da esperança: interpretação do pensamento de Ernst Bloch*. São Paulo: Paz e Terra.

Furter, P. (1977/1978). *L'Amérique Utopique: Essai sur la contribution de la pensée utopique au développement de la formation des latino-américains*. (Apostila mimeografada para uso nas aulas no curso da FAPSE – UNIGENEVE).

Furter, P. (1973). *Educação e vida*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Furter, P (1996). *Entrevista com o professor Pierre Furter - realizada em 30 de outubro de 1995 no Rio de Janeiro*. In : GREIS, Yvone Soares dos S. O elemento utópico no pensamento de Pierre Furter. Campinas, SP: (s/n) 1996. Orientador: João Francisco Régis de Moraes.

Furter, P. (1995). *Mondes Rêvés: formes et expressions de la pensée imaginaire*. Neuchâtel; Paris: Delachaux et Nestlé.

Gadotti, M. (2003). *História das Ideias Pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática.

Greis, Y (1996). *O elemento utópico no pensamento de Pierre Furter*. Campinas, SP: (s/n). Orientador: João Francisco Régis de Moraes.

Peroza, J. (2020). *Entrevista com o educador suíço Pierre Furter*. Revista Educação & Linguagem, V. 23, n. 2, p. 269-298, jul./dez.